

Bancos temem atraso dos juros até 90

Os bancos credores do Brasil estão dispostos a oferecer ao novo Presidente do País, a ser eleito em 15 de novembro, ótimos termos de negociação, a partir de abril do ano que vem, como redução da dívida externa, juros fixos de 6%, securitização e proteção contra alta do preço do petróleo. Ou seja, tudo que está sendo negociado com o México, ou **mesmo** melhores condições. Para isso, no entanto, ressaltou ontem o Vice-Presidente do Bank of America no Brasil, Joel Korn, "será **extramamente** importante que até lá não tenham se acumulado juros em atraso, pois neste caso as negociações já se iniciariam com um impasse da ordem de US\$ 6 bilhões".

Para que não surja esse complicador, Korn está torcendo para que o

FMI faça o mais rápido possível um acordo provisório com o Brasil, que possibilite a liberação de cerca de US\$ 1 bilhão (US\$ 600 milhões dos bancos credores e mais cerca de US\$ 400 milhões do FMI, Bird e Bid). Sem o acordo, disse Korn, não há hipótese de os bancos liberarem mais crédito, não só porque ficaria faltando o aval do Fundo ao programa econômico brasileiro mas também porque "de nada adiantariam US\$ 600 milhões diante de compromissos que apenas em setembro alcançam US\$ 1,6 bilhão".

Korn sabe que no dia 15 não haverá pagamento de juros (o Bank of America tem US\$ 200 milhões a receber). A preocupação maior é com a possibilidade de que este atraso perdure até 1990. Com as reservas tendo

que ser preservadas, "o que todos os bancos entendem, já que não desejam uma crise cambial para o Brasil", e sem o apoio do Fundo, haverá o impasse. Já com juros pagos, mesmo que parcialmente, "praticamente tudo o que vem sendo levantado pelos candidatos à Presidência, em suas plataformas de Governo, poderá ser obtido".

O Vice-Presidente do Bank of America tem conversado pessoalmente com os candidatos, para esclarecer que os bancos também desejam acabar com a transferência líquida de recursos para o exterior.

— Estamos dispostos a auxiliar, contando que o próprio País se auxilie, ou seja, que seja implementado pelo próximo governante um programa sério de ajuste — disse Korn.

Divulgação



Korn: fardo para o novo Presidente